

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Educação
Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica - LASEB

Gilson de Oliveira Mendes

**OCUPANDO O ESPAÇO DA BIBLIOTECA E POSSIBILITANDO A
CRIAÇÃO DE LEITORES**

BELO HORIZONTE

2025

Gilson de Oliveira Mendes

**OCUPANDO ESPAÇO DA BIBLIOTECA E POSSIBILITANDO A
CRIAÇÃO DE LEITORES**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialização em Processos de Aprendizagem e Ensino na Educação Básica, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica - LASEB, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Profa. Dra. Joana D'Arc Vaz

BELO HORIZONTE/MG

2025

M538o
TCC Mendes, Gilson de Oliveira, 1980-
 Ocupando o espaço da biblioteca e possibilitando a criação de
 leitores [manuscrito] / Gilson de Oliveira Mendes. -- Belo Horizonte, 2025.
 47 p. : il., color.

 Monografia -- (Especialização) - Universidade Federal de Minas
 Gerais, Faculdade de Educação.

 Orientadora: Joana D'Arc Vaz.

 Bibliografia: f. 34.

 Apêndices: f. 35-47.

 1. Educação. 2. Educação básica. 3. Bibliotecas escolares.
 4. Leitores -- Formação. 5. Livros e leitura para crianças. 6. Crianças --
 Interesses na leitura. 7. Leitura (Ensino fundamental) -- Estudo e ensino.
 8. Letramento.

 I. Título. II. Vaz, Joana D'Arc. III. Universidade Federal de Minas
 Gerais, Faculdade de Educação.

CDD- 027.8



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
Curso de Especialização em Formação em Docência para
Educação Básica

**ATA DE DEFESA DO TRECENTÉSIMO NONAGÉSIMO NONOTRABALHO FINAL DO CURSO
DE ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES PARA EDUCAÇÃO BÁSICA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO PROCESSOS DE APRENDIZAGEM E ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

Aos doze dias do mês de julho do ano de dois mil e vinte e cinco, realizou-se, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, a apresentação do trabalho final de conclusão do Curso de Especialização Formação em Docência para a Educação Básica – com o título “Ocupando o espaço da Biblioteca escolar e possibilitando a criação de leitores”, do(a) aluno(a) **Gilson de Oliveira Mendes**. A banca examinadora foi composta pelos seguintes professores: Joana D’Arc Vaz (orientador) e Heloisa Silva de Oliveira Gomes. Os trabalhos iniciaram-se às 8h30, atendendo a uma escala de apresentações definida pelo(a) orientador(a). Após a apresentação oral do trabalho, a banca examinadora fez uma arguição ao aluno(a). A banca se reuniu, em seguida, sem a presença do(a) aluno(a) e do público, para fazer a avaliação final. Em conclusão, a banca examinadora considerou o trabalho aprovado. O resultado final do trabalho foi comunicado ao aluno(a), que deverá encaminhar à Secretaria do curso a versão final em meio digital para (laseb@fae.ufmg.br) e submeter o trabalho salvo em formato PDF de acordo com as orientações da Biblioteca universitária da UFMG, Repositório Institucional (www.repositorio.ufmg.br). Nada mais havendo a tratar, eu, Ana Maria de Castro Rocha, secretária do colegiado do curso, lavrei a presente ata que, depois de lida e aprovada, será por mim assinada e pelos demais membros presentes. Belo Horizonte 12 de julho de 2025.

Aluno(a) Gilson de Oliveira Mendes
Gilson de Oliveira Mendes

Registro na UFMG 2024694122

Joana D'Arc Vaz
Profa. Dra. Joana D’Arc Vaz
Orientador(a)

Heloisa Silva de Oliveira Gomes
Profa. Ms. Heloisa Silva de Oliveira Gomes
Professor(a) Convidado(a)/avaliador(a)

Ana Maria de Castro Rocha
Ana Maria de Castro Rocha
Secretária do Colegiado de Curso de Especialização
Em Formação em Docência para Educação Básica

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao LASEB, a UFMG, a todos os professores, coordenação, secretaria pelo trabalho e apoio. Agradeço especialmente a Profa. Dra. Cláudia Starling, ao Prof. Dr. João Valdir e Profa. Amanda Vieira. Agradeço a afetuosa e esclarecedora orientação da Profa. Dra. Joana D'Arc Vaz.

Meu muito obrigado a toda escola Cemi Professor Alcides Rodrigues Pereira, aos meus colegas da Biblioteca: Núbia, Marcos e Luan. Agradeço a Diretora Profa. Eliane Aparecida de Souza.

Obrigado também a Prefeitura Municipal de Itabirito pela oportunidade de formação.

Meu profundo agradecimento a minha irmã Juraci, também professora, que me incentivou a ler.

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de oportunizar a ocupação do espaço da Biblioteca pelos estudantes e tentar formá-los como leitores ativos e autônomos. Partimos da constatação de que as bibliotecas das escolas e das cidades são pouco utilizadas pela população, de modo especial pela juventude, e, de que o Brasil tem uma baixa quantidade de leitores, o que afeta a vida escolar e o processo de letramento na educação escolar. Sendo assim, incentivamos os alunos a frequentarem a Biblioteca, destacando a importância da leitura e apresentando o acervo. Paralelamente, apoiados nas teorias pedagógicas de perspectivas histórico-críticas e sócio-históricas, elaboramos as reflexões sobre nossas práticas pedagógicas e analisamos os hábitos de leitura que os estudantes demonstraram e desenvolveram ao longo do projeto.

Palavras-chave: biblioteca; leitura; letramento; formação de leitores.

RÉSUMÉ

Ce projet vise à offrir aux élèves des opportunités d'utiliser l'espace de la bibliothèque et à les former à devenir des lecteurs actifs et autonomes. Nous sommes partis du constat que les bibliothèques scolaires et municipales sont peu fréquentées par la population, notamment par les jeunes, et que le Brésil compte peu de lecteurs, ce qui affecte la vie scolaire et le processus d'alphabétisation. C'est pourquoi nous encourageons les élèves à fréquenter la bibliothèque, en soulignant l'importance de la lecture et en présentant la collection. Parallèlement, en nous appuyant sur des théories pédagogiques issues de perspectives historico-critiques et socio-historiques, nous avons élaboré des réflexions sur nos pratiques pédagogiques et analysé les habitudes de lecture des élèves tout au long du projet.

Mots-clés: bibliothèque; lecture; alphabétisation; formation des lecteurs.

Lista de Tabela

Tabela 1 – Frequência de utilização da biblioteca do CEMI	38
Tabela 2 – Frequência de utilização da biblioteca do CEMI	38
Tabela 3 – Frequência de utilização da biblioteca do CEMI	39
Tabela 4 – Frequência de utilização da biblioteca do CEMI	39
Tabela 5 – Frequência de utilização da biblioteca do CEMI	40
Tabela 6 – Frequência de utilização da biblioteca do CEMI	41
Tabela 7 – Frequência de utilização da biblioteca do CEMI	42
Tabela 8 – Frequência de utilização da biblioteca do CEMI	43
Tabela 9 – Frequência de utilização da biblioteca do CEMI	44
Tabela 10 – Frequência de utilização da biblioteca do CEMI	45
Tabela 11 – Frequência de utilização da biblioteca do CEMI	46
Tabela 12 – Frequência de utilização da biblioteca do CEMI	47
Tabela 13 – Frequência de utilização da biblioteca do CEMI	48
Tabela 14 – Frequência de utilização da biblioteca do CEMI	49
Tabela 10 – Frequência de utilização da biblioteca do CEMI	50

SUMÁRIO

1 MEMORIAL.....	8
2 APRESENTAÇÃO TEMÁTICA.....	11
3 REFERENCIAL TEÓRICO.....	18
4 PLANEJAMENTO DO PLANO DE AÇÃO.....	22
4.1 Identificação do campo de intervenção.....	24
4.2 Temática do plano de ação.....	24
4.3 Objetivos do plano de ação.....	24
4.4 Diagnóstico do contexto de atuação.....	24
4.5 Etapas do plano de ação que foi desenvolvido.....	30
5 REFLEXÕES SOBRE O PLANO DE AÇÃO.....	31
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
REFERÊNCIAS.....	37
APÊNDICES.....	38

1 MEMORIAL

Como me tornei professor de Português e minha trajetória

Desde criança eu gostava de ler, mas minha atividade como leitor só se intensificou a partir dos 15 anos. Comecei a ler alguns livros infantis que minha irmã mais velha me dava. Essa irmã, Juraci de Oliveira Mendes, tem uma importância fundamental na minha vida, porque, como professora da educação infantil, tinha essa preocupação de me dar coisas para ler. Pelas mãos dela, recebi e li uma coleção de histórias clássicas de criança como Pinóquio, Patinho Feio, por exemplo, e outros livros dos quais não posso lembrar títulos e procedências. Também li uma coleção feita por Daniel Azulay, que não lembro quem me deu, mas eram livros muito divertidos, muito interativos e que também nos incentivavam a fazer experimentos “científicos” que me empolgavam bastante. Depois disso, comecei a ler os livros que tinha na minha casa. Li *Flor de Poemas*, de Cecília Meireles, *O Contador de Histórias*, de Harold Robbins, *Doidão*, de José Mauro de Vasconcelos, etc. Dos 16 aos 19, cursei Metalurgia na Escola Técnica Federal de Ouro Preto. Lá, aproveitei a boa biblioteca e li bastante; lia sem nenhum método e sem seguir indicações. Lia sobretudo literatura brasileira, principalmente poesia. Nessa fase, me marcaram poetas como: Casimiro de Abreu, Gonçalves Dias, Castro Alves, Vinícius, Drummond, João Cabral, Mário Quintana, Manuel Bandeira, Ferreira Gullar, Os Concretos, Cecília Meireles, Fernando Pessoa, entre outros. Decorei muitos poemas que ainda sei.

Não tendo passado no vestibular, comecei a trabalhar numa livraria, onde entrei em contato com mais livros e ampliei meu repertório, aumentando também minha biblioteca. Nesses anos, devo acrescentar, nunca deixei de frequentar a biblioteca municipal. Em 2004, saí do emprego e entrei no curso de Letras na Universidade Federal de Ouro Preto. Terminei a licenciatura em Língua Portuguesa em 2009 e o Bacharelado em Estudos Literários, em 2010. Depois, ainda em Ouro Preto, comecei a lecionar numa escola estadual, à noite, no ensino médio e, no município, do sexto ao nono. Enquanto isso, eu me preparava para entrar no mestrado. Ingressei no mestrado na UFMG e o concluí em 2013. Defendi o mestrado em Estudos Literários, estudando a crítica sobre as obras atribuídas a Gregório de Matos e Guerra, com a dissertação: *Haroldo de Campos e João Adolfo Hansen: duas leituras e uma polêmica sobre a poesia de Gregório de Matos*. No ano de 2014, comecei a trabalhar no município de Itabirito, na escola Cemi – Professor Alcides Rodrigues Pereira.

No Cemi (como comumente chamamos), iniciei minha trajetória como professor dos sétimos anos e como professor de apoio. Como professor dos sétimos anos, durante apenas um ano, tive muitas experiências interessantes. Dei aulas para a faixa etária de 12 a 13 anos, em turmas com mais de 30 alunos (em Ouro Preto, dei aulas para adultos e para turmas pequenas). Isso foi um grande teste para mim, porque punha à prova minhas habilidades de gestão de turmas e ao mesmo tempo me exigia desenvoltura para trabalhar os conteúdos de forma mais significativa. Como professor de apoio, trabalhei com as turmas de sexto ao nono ano. Ocupei este cargo até 2020. Nesta função, lecionai para, no máximo, 11 alunos por vez, em cada aula. Estes alunos eram escolhidos por apresentarem mais dificuldades, sobretudo em leitura, interpretação e análise sintática. Sempre em diálogo com os professores regentes, estabelecíamos o conteúdo que eu ia abordar nas aulas. Por serem turmas pequenas, eu pude dar um tratamento mais individualizado aos alunos, o que me permitia identificar suas dificuldades e ajudá-los. Nas aulas, eu procurava enfatizar a leitura, trabalhando com os mais diversos gêneros textuais, como por exemplo: charges, piadas, adivinhas, cruzadinhas, crônicas e poemas.

Na graduação e pós-graduação, como privilegiei os estudos em literatura, tive, nesses anos que ensinei, que ler muita linguística e material didático para me aprimorar e completar as lacunas da minha formação. Assim, consultei gramáticas como a *Moderna Gramática Portuguesa*, de Evanildo Bechara, a *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*, de José Carlos de Azeredo e a *Gramática do Português Brasileiro*, de Ataliba T. de Castilho. Li livros de linguística, para citar alguns: *Dramática da língua portuguesa*, *Preconceito linguístico*, *Nada na língua é por acaso*, *Não é errado falar assim*, *Uma história da linguística: do século 19 ao limiar do século 20*, estes de Marcos Bagno; li *Língua e sociedade partidas*, de Dante Lucchesi, *Questões de linguagem*, *Por que (não) estudar gramática*, de Sírio Possenti, *História sociopolítica da língua portuguesa*, de Carlos Alberto Faraco, *Camões com dendê: o português e os falares afro-brasileiros*, de Yeda Pessoa de Castro, *A vertente grega da gramática tradicional*, de Maria Helena de Moura Neves, *Manual de Etimologia do Português*, de Mário Eduardo Viaro. Continuo a fazer essas leituras com muito gosto e atento às novidades que possam surgir no âmbito da linguística e na pedagogia da língua portuguesa.

Dar aulas como professor de apoio também foi bom porque me fez conhecer o conteúdo de língua portuguesa do sexto ao nono ano. Assim, pude notar não só as dificuldades dos alunos, mas também os desafios do ensino. Pude perceber a distância que existe entre a formação acadêmica e a realidade na sala de aula. Reconheci que a formação na licenciatura não prepara bem para o que vamos encontrar nas escolas. Especificamente, tendo lido livros sobre

linguística, entendi que o ensino de português ainda é muito conservador, muito calcado na gramática prescritiva/normativa tradicional e extremamente insistente em nomenclaturas e taxonomias burocráticas. Observo que o material didático melhorou muito, há muitos textos, de diversos gêneros, a teoria textual está nos livros, o que é muito importante, mas ainda é complexo o trabalho com a leitura ou a produção de textos, e os alunos, quase sempre muito carentes, continuam apresentando sempre muitas dificuldades em ler e interpretar textos. As escolas recebem livros, o que é significativo para os alunos, sobretudo no país onde a leitura é pouco difundida. No entanto, penso que ainda é difícil muitas vezes fugir de uma abordagem tradicional no que diz respeito à língua, apesar de todo avanço da linguística.

Desde 2020, estou trabalhando na biblioteca. Pude, junto com meus colegas, desenvolver trabalhos de incentivo à leitura e também realizamos a Feira Literária que acontece uma vez por ano. Nossas atividades consistem em ir às salas de aula e divulgar os livros que a escola recebe e realizar atividades com os alunos relacionadas aos livros. No ano de 2023, trabalhamos com os livros *Lendas Negras*, de Júlio Emílio Braz e Dalmo Dansa; *Cores da Escravidão*, de Ieda de Oliveira, *Eu sou Malala*, de Malala Yousafzai, *O Minotauro*, de Monteiro Lobato, entre outros. Também levamos os alunos a produzirem trabalhos sobre os livros como pinturas, desenhos e textos que expusemos na Feira Literária. Chamamos a atenção dos alunos sobre o legado da influência africana em nossa cultura, incluindo uma discussão linguística, utilizando os trabalhos de Yeda Pessoa de Castro, notadamente seu livro *Camões com dendê*. Este trabalho teve continuidade na Semana de Consciência Negra que também foi realizada com a ajuda dos funcionários da biblioteca.

Nos últimos anos, li alguns livros sobre Simbolismo para tentar escrever um projeto de doutorado que pretendo tentar. Sabendo dos desafios que a educação apresenta, quero continuar a estudar para enfrentar essa realidade.

No curso do Laseb, meu objetivo foi elaborar um plano de ação para fazer com que os alunos utilizassem a biblioteca da escola e se formassem como leitores. Frequentar bibliotecas foi uma coisa muito importante na minha formação como leitor antes mesmo de ser professor, penso que incentivar os alunos nesse sentido seja fundamental para o desenvolvimento deles não só na vida educacional, mas para um crescimento existencial. Posso dizer, inclusive, que se tivesse que escolher uma coisa que transformou, que foi decisiva minha na vida, foi exatamente ter me tornado um leitor.

2 APRESENTAÇÃO DA TEMÁTICA

Os desafios enfrentados com a leitura e a produção de textos são uma preocupação constante na nossa sociedade e da nossa pedagogia, como podem constatar nossos medidores educacionais. Os estudantes brasileiros apresentam um desempenho abaixo do esperado. Levemos em conta, como exemplo, o que constatou o Programa Internacional de Avaliação dos Estudantes (PISA), de 2022. O PISA avalia o desempenho dos estudantes na faixa etária de 15 anos, idade que se pressupõe o término da escolaridade básica obrigatória. O Brasil participa desse teste padronizado desde o início, em 2000. Os países que participam são membros da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). Consultando a página do Ministério da Educação, podemos ler:

As médias brasileiras de 2022 foram praticamente as mesmas de 2018 em matemática, leitura e ciências. Desde 2009, os resultados são estáveis nas três disciplinas, com pequenas flutuações que, na sua maioria, não são significativas. Apesar da média da OCDE nessa edição do estudo ser a menor de toda a série histórica (desde 2000), os estudantes do Brasil obtiveram pontuação inferior a ela nas três disciplinas.¹

Como se vê, no último PISA, os resultados do Brasil foram abaixo da média que por sua vez já diminuía em relação a 2018. O principal fator dessa diminuição, como o texto do Ministério da Educação mostra, foi evidentemente a pandemia da Covid 19. Nosso trabalho, se concentrará nos estudantes dos sextos e sétimos anos, isto é, alunos que estão com a idade abaixo de 15 anos. No entanto, entendemos que o PISA pode ser um indicador da nossa educação fundamental e, no caso específico, na análise da capacidade de leitura dos nossos estudantes. Segundo o PISA, em 2022, a média de proficiência do Brasil foi de 410, sendo a média da OCDE de 476. Como vemos, nossa média está bem abaixo dos outros países. No mesmo texto, temos:

O desempenho médio brasileiro foi de 410 pontos em leitura. A pontuação é estatisticamente inferior à média do Chile (448) e Uruguai (430), mas superior à da Argentina (401). Não há diferença estatisticamente significativa entre a média do Brasil, da Colômbia (409) e do Peru (408).

Dos estudantes brasileiros, 50% tiveram baixo desempenho nessa disciplina (abaixo do nível 2). Entre os países-membros da OCDE, o percentual dos que não atingiram esse nível foi de 26%. Apenas 2% dos brasileiros atingiram alto desempenho em leitura (nível 5 ou superior), enquanto, nos países da OCDE, a concentração foi de 7%.

¹ Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/noticias/acoes-internacionais/divulgados-os-resultados-do-pisa-2022>, acessado em: 25/9/2024.

A partir desses dados, podemos ver que o Brasil apresenta baixa proficiência em leitura, com menores índices do que outros países sul-americanos como Chile e Uruguai. Além disso, temos um resultado que pode ser igualado até a países mais pobres como Colômbia e Peru. Comparativamente, o Brasil mostra números sempre mais baixos do que os das médias da OCDE como podemos ler acima. Sendo assim, não seria equivocados concluirmos que o Brasil tem, na baixa qualidade da leitura dos estudantes, um desafio a ser enfrentado. Por isso, o trabalho feito pelas bibliotecas das escolas é fundamental. É preciso incentivar e tornar a leitura uma realidade na vida dos nossos estudantes, daí a importância de um trabalho feito nesse sentido. Quanto mais cedo estimularmos o hábito da leitura, melhor será os resultados dos alunos. Lendo mais, os estudantes não chegarão no ensino médio apresentando mal desempenho na leitura e interpretação.

Outro fator que devemos levar em consideração é a realidade da leitura em nosso país. Sabemos que historicamente temos um problema de falta de leitura na população, consequência de poucos investimentos e políticas públicas para a educação, sem falar que o analfabetismo ainda é uma situação estrutural do nosso país, que não erradicamos. Segundo IBGE, os dados sobre analfabetismo melhoraram, mas ainda estão aquém do que queremos:

Conforme os resultados do Censo Demográfico de 2022, dos 163 milhões de pessoas de 15 anos ou mais de idade, 151,5 milhões sabiam ler e escrever um bilhete simples e 11,4 milhões não sabiam. Isso representa uma taxa de alfabetização de 93,0% e de analfabetismo de 7,0% para esse grupo.

O tema é investigado desde o primeiro Censo do Brasil, em 1872. Em 1940, menos da metade da população sabia ler e escrever (44,0%).²

Os dados mostram milhões de brasileiros que sequer podem ler e outros tantos milhões que são analfabetos funcionais. Sendo assim, estamos longe de um letramento digno, e nossos jovens sofrem com esse estado. Como vemos, a chaga do analfabetismo nos acompanha desde sempre, apresentado números alarmantes como o de que menos da metade da população, na década de 1940, sabia ler e escrever. A herança deste descaso com a educação, historicamente marcante, ainda reverbera em nosso presente. Esse histórico dificulta o acesso ao livro e, evidentemente, uma população que não lê e nem poderia ler, não consegue encaminhar seus jovens neste sentido. Para que tenhamos uma ideia de como a população direciona seu consumo

² Disponível em: [https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/territorio/22321-alfabetizacao.html#:~:text=A%20taxa%20de%20analfabetismo%20diminuiu,taxa%20\(20%2C3%25\)](https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/territorio/22321-alfabetizacao.html#:~:text=A%20taxa%20de%20analfabetismo%20diminuiu,taxa%20(20%2C3%25),), acessado em 25/9/2024.

e os gastos que se relacionam com a educação e os livros, podemos ver o que diz a pesquisa de 2006 do Instituto Akatu para o Consumo Consciente:

O brasileiro parece estar com as prioridades invertidas [...] os gastos com educação são relativamente baixos tanto nas classes mais baixas, com renda inferior a R\$ 1000, quanto entre famílias com renda superior a R\$ 6 mil. No primeiro grupo, os gastos com educação (incluindo mensalidades escolares e livros) não chegam a 1% do orçamento. No segundo, não passam do 5%. [...] nas classes mais pobres é comum que a família gaste mais com fumo do que com educação. “As famílias dizem que não têm dinheiro para a educação, mas gastam o equivalente a três livros por mês em cigarros. É um caso típico de inversão de prioridades”, diz o presidente do Instituto Akatu [Hélio Mattar].³

A longa citação vale a pena para vermos a herança, que carregamos desde a colonização, de nossa baixa escolaridade e letramento. As pessoas, mesmo com renda superior a 6 mil, não compram livros nem investem na educação das novas gerações. Lembrando que a classe média cresceu nos anos depois da pesquisa de 2006. Segundo a Secretaria de Assuntos Estratégicos (SAE), a classe média subiu de 38% da população em 2002 para 53% 2012⁴. Como vemos, esses números abrangem um período anterior e posterior ao da pesquisa do Instituto Akatu. Sendo assim, notamos que, mesmo com o aumento do poder aquisitivo dos brasileiros, eles não têm a educação e/ou os livros como interesse.

Em relação ao hábito de leitura dos estudantes brasileiros, podemos citar um estudo feito pelo Centro de Pesquisa em Educação, Interdisciplinaridade e Evidências no Debate Educacional (Iede), em parceria com a plataforma de leitura Árvore. Este estudo dialoga com os dados do PISA que acabamos de ver. A pesquisa mostra, entre outras coisas, como a não proficiência em leitura leva os alunos a terem baixos desempenhos também em matemática e ciências. Podemos ler na matéria publicada pela CNN Brasil, em 29 de novembro de 2023:

De acordo com os dados, entre 66,3% dos alunos brasileiros de 15 e 16 anos, o livro mais extenso já lido não passou de 10 páginas. [...] Conforme a pesquisa, só 9,5% dos estudantes brasileiros de 15 e 16 anos leu algum material com mais de 100 páginas em 2018 – índice inferior ao de outros países da América Latina, como Chile (64%), Argentina (25,4%) e Colômbia (25,8%). Na Finlândia, que apresenta os melhores índices do estudo, o patamar chega a 72,8%.⁵

Como vemos, os números são aterradores, mostrando uma realidade na qual a leitura mal existe. Observamos aí como os alunos chegam aos 15, 16 anos sem ter lido muito, praticamente passaram todo o ensino fundamental sem ler livros, pois, mesmo livros infanto-

³ Apud. BAGNO, Marcos. In: Preconceito linguístico. 56ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. p. 157.

⁴ Portal Terra. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/nos-ultimos-10-anos-35-milhoes-de-pessoas-ascenderam-a-classemidia,efa9a418851ca310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>, acessado em: 29/2/2024.

⁵ Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/66-dos-alunos-brasileiros-nao-leem-textos-com-mais-de-dez-paginas-diz-estudo/>, acessado em 25/9/2024.

juvenis certamente têm mais de 100 páginas, sendo que apenas 9,5% dos estudantes leram textos que ultrapassaram esse número de páginas. Isso mostra como a falta de leitura é um ponto decisivo na análise da nossa qualidade de ensino. A pesquisa também mostra que alunos que possuem melhores hábitos de leitura chegam a níveis mais altos de aprendizagem. Logo, sem leitura não há definitivamente uma boa educação. Vamos aos números da pesquisa para frisar o que estamos dizendo: entre os que afirmaram ler mais de 100 páginas, 29% conquistaram pelo menos o nível 4 em Leitura no Pisa. Já entre aqueles que disseram que o texto mais longo lido tinha uma página ou menos, apenas 5% alcançaram o mesmo patamar.

A pesquisa foi feita com o PISA de 2018, mas as alterações não foram tão significativas em relação ao do último PISA, de 2022. Portanto, a pesquisa mostra o quanto o acesso aos livros e o hábito da leitura estão longe do que é necessário para a formação de leitores e para preparar nossos jovens para a vida, pois, como a mesma pesquisa aponta, o hábito de ler está associado inclusive a uma melhora econômica. Além disso, a leitura é uma ferramenta para a libertação e a emancipação das pessoas.

Nosso nível de letramento é baixo, como vemos, mas isso pode mudar, ao menos é o que percebemos ao conhecer a opinião dos alunos sobre a leitura. O PISA, pelo seu questionário, revela que, entre alunos de escolas públicas e particulares, “mais de 40% dos alunos afirmam que gostam de falar sobre livros, média superior à registrada pelos países da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE)”. Esse é um dado muito interessante e mostra um potencial animador para mudarmos a situação. Não caberia, assim, opiniões céticas que afirmam que os jovens são desinteressados em relação aos livros e à leitura. O que parece faltar é justamente o contato com os livros, um investimento da sociedade nesse sentido, um maior incentivo por parte dos professores.

A biblioteca da escola pode ser um espaço para formar os leitores, um espaço mais livre e interessante para o aluno, onde ele pode escolher o que ler, onde ele pode descobrir leituras de maneira prazerosa. Atuar para que o aluno tenha a biblioteca como o espaço não só de estudos, mas de fonte de conhecimento e fruição é, portanto, elemento capital na melhoria da educação e formação de cidadãos. A biblioteca deve tentar formar o leitor, ser uma opção de encantamento e aprendizado.

Criar o hábito da leitura é fundamental, como vimos no nosso panorama sobre a situação da leitura no Brasil. Essa presença da biblioteca na vida do aluno pode o acompanhar mesmo para além do seu período na escola, na qual nosso projeto tem lugar. O aluno poderá levar o hábito de ler para a próxima escola. Caso não haja biblioteca nesta escola, ele poderá procurar a biblioteca pública, já que Itabirito conta com uma. Orientar os alunos para desenvolverem o

hábito da leitura e frequentarem a biblioteca da escola pode levá-los a futuramente aproveitar a existência também desse espaço⁶. Essa é uma ótima alternativa para nossos alunos, uma vez que são, em sua maioria, de baixa renda, e a aquisição de livros seria difícil para eles. Entendemos a leitura e o contato com os livros como um direito do qual nossos estudantes não podem ser privados. Entendemos a leitura e os livros também como fator decisivo para nossa humanização. Para terminar, cabe citar Antonio Candido, em seu texto fundamental, “O direito à literatura” quando afirma:

Entendo aqui por humanização [...] o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante. (Cândido, 2023, pp. 195-196).

Mais que uma citação bonita e inspiradora, o texto traz duas ideias que guiam nosso trabalho – a humanização e o direito à literatura. Podemos generalizar a segunda ideia, acrescentado que defendemos o direito à leitura, uma vez que a biblioteca trabalha não apenas com textos que poderíamos classificar como literários, e esse textos de gêneros diversos também podem contribuir para a educação e o aprendizado. Nosso plano de ação pretende ir no sentido de ser uma contribuição modesta ao processo de humanização e à garantia de um direito, ambos hoje ainda negados, principalmente às populações mais vulneráveis.

Tendo em vista o baixo letramento dos alunos, como já assinalamos na Introdução Temática e, a partir do diagnóstico que fizemos, este trabalho se justifica numa tentativa de minorar essa situação e contribuir para a formação dos nossos estudantes. Vimos também que muitas vezes as bibliotecas existem, mas são pouco usadas. Nosso diagnóstico, mostrou também como a presença da leitura é decisiva para tornar os alunos mais capazes. Logo, fazer um trabalho que visa a levar os alunos a frequentar a biblioteca e cultivar o hábito da leitura é fundamental para melhorar o letramento e o desempenho em leitura. O letramento e a capacidade de leitura dos alunos são fundamentais para que eles tenham bons resultados ao longo de seus estudos como mostram as pesquisas. Além disso, a leitura é fonte de prazer, de

⁶ Em 2019, segundo dados da Câmara dos Deputados, 95% dos municípios do Brasil tinham biblioteca, mas o subsecretário do Patrimônio Cultural do DF dizia que as bibliotecas não eram frequentadas e muitas estavam sucateadas. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/601164-mesmo-com-mais-de-6-mil-bibliotecas-no-pais-brasileiros-ainda-tem-dificuldade-no-acesso-a-leitura/#:~:text=Existem%2C%20hoje%2C%206.057%20bibliotecas%20p%C3%BAblicas,95%25%20dos%20munic%C3%ADpios%20t%C3%AAm%20bibliotecas.>

instrução e humanização. A proficiência na leitura é algo central na vida também fora da escola, é algo importante para o exercício das funções civis.

Muitos alunos da escola sequer sabem que se pode usar a biblioteca e fazer empréstimos de livros. Neste trabalho, tentaremos ampliar a participação da biblioteca na vida dos estudantes. Como vimos na pesquisa do PISA, os jovens gostam de falar sobre livros, e não erraríamos se, no nosso trabalho, concluíssemos que os estudantes do CEMI também gostam da mesma coisa, isto é, podemos perceber que há receptividade para os livros entre os estudantes. Sendo assim, nossa tarefa é dar ignição nesse processo, oferecer os livros, mostrar que estão disponíveis e incentivar o hábito da leitura. A biblioteca precisa ser um espaço ativo, presente no cotidiano dos estudantes. Como disseram Martha Suzana Cabral Nunes e Flaviana de Oliveira Santos (2020, p. 5), que a “biblioteca escolar precisa ser reconhecida pelo professor e por toda a comunidade escolar como uma unidade rica em informação e conhecimento e não como uma sala de castigo ou depósito de livros. ”

Apesar dos incentivos dados pelo Governo Federal, através do Ministério da Educação e Cultura (MEC), no sentido de fomentar as bibliotecas escolares, elas ainda não estão de fato servindo como espaço significativo de educação, e isso precisa mudar. Em 1997, com o programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE), criado pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) e pela Secretaria de Educação do Distrito Federal (SEDF), fez-se um esforço para promover a leitura nas escolas (Nunes; Santos, 2020, p. 6). Esse é um passo significativo, mas incipiente, falta muito investimento, como nos explicam Nunes e Santos:

No Brasil, a Lei 12244/10 de 24 de maio de 2010 (BRASIL, 2010) foi criada para que os municípios e os estados começassem a implantar meios a fim de melhorar a realidade escolar. Apesar dessa lei obrigar todas as instituições de ensino público a terem uma biblioteca até o ano de 2020, dados do Censo Escolar (2016) realizado pelo Ministério da Educação (BRASIL, 2016) mostram que essa meta será difícil de alcançar, pois nem todas as escolas públicas do país tiveram instaladas suas bibliotecas. Nesse sentido, o Projeto de Lei n. 9484/2018, discutido e aprovado no âmbito da Comissão Especial de Educação da Câmara dos Deputados, ampliou para 2024 o prazo para que estados e municípios possam se adequar à Lei 2.244/10 [...] (Nunes; Santos, 2020, p. 10).

Como podemos ver, a situação ainda está longe de ser como gostaríamos. A lei também prevê, no Art. 2º, que as bibliotecas poderiam se adequar para prestar serviços à comunidade, o que seria mais uma opção de engajamento e educação, já que a tarefa de incentivar a leitura não deve ser só da escola. Nunes e Santos asseveram no mesmo texto:

A leitura não se resume apenas à leitura obrigatória, aquela que é feita por indicação ou exigência do professor, mas deve ser vista também como uma atividade prazerosa que desperte a atenção e o prazer do leitor. O incentivo à leitura não é uma obrigação

apenas da escola, pois essa iniciativa deve partir também dos bibliotecários e também dos pais. (Nunes; Santos, 2020, p. 11)

Em nossa escola, temos o privilégio de contarmos com uma biblioteca, ainda que precária e em espaço improvisado. Necessário é fazê-la mais presente na vida dos estudantes e, quem sabe, no futuro, na vida da comunidade.

Por isso, temos como objetivo central compreender como e por quais motivos e ou interesses os alunos utilizam a biblioteca, o que ela significa para eles. Especificamente, objetivamos: otimizar a atuação da biblioteca na formação dos alunos como leitores; incentivar os alunos a frequentar a biblioteca e animá-los a ler de forma autônoma e para além do que se propõe na sala de aula; e como contribuir com o letramento dos alunos, o que produz um aumento nos seus desempenhos não só em leitura, mas também em ciências e matemática.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Quanto ao referencial teórico, o que guia nosso trabalho, como temos dito, são as formulações de Paulo Freire e sua preocupação com uma pedagogia participativa, em que o educando forja junto com o educador as condições de seu aprendizado e se torna autônomo na sua busca por mais saber. Outro eixo de nosso trabalho é o conceito de catarse e a perspectiva histórico-crítica, aplicado à educação, consistindo num processo de tomada de consciência que permite ao sujeito se colocar numa posição crítica.

Pensamos que a biblioteca tem o papel fundamental a desempenhar nesse sentido, ofertando livros que os alunos poderão escolher livremente e assim se tornando leitores autônomos e sujeitos também menos alienados. Uma coisa que cabe acrescentar é que, embora esse aporte teórico seja importante na nossa prática educacional, há também, no caso da biblioteca, um limite para nossa atuação junto aos discentes. Isso tem que ser levado em consideração na hora de se avaliar a adequação da complexidade do referencial teórico ao modesto contato que se dá entre os estudantes e nosso trabalho na biblioteca.

Apoiados nas formulações de Paulo Freire e sua abordagem sócio-histórica, podemos entender que nossa postura na biblioteca deva ser de educadores dialógicos para perceber quais são as demandas dos alunos enquanto leitores. O que observamos é que eles têm a tendência de solicitar mais frequentemente livros do universo da cultura de massa como, por exemplo, diário de um Banana, Harry Potter, A Saga Crepúsculo. Segundo Freire: “Se a minha opção é democrática, progressista, não posso ter uma prática reacionária, autoritária, elitista. Não posso discriminar o aluno em nome de nenhum motivo” (Freire, 1996, p. 97).

Não devemos ignorar esse dado, o gosto dos alunos, mas fazê-los refletirem sobre ele e estimulá-los a lerem outros livros que possibilitaram um domínio maior sobre sua realidade. E devemos também reconhecer que, embora essas leituras cheguem através de uma dominação cultural estrangeira, elas também contribuem para o desenvolvimento dos alunos como leitores. A questão é utilizar essas leituras como “temas geradores” a fim de introduzir mais leituras e torná-los cada vez mais leitores capazes e autônomos. Afinal, quando os alunos escolhem livremente os livros, eles leem mais e a possibilidade de engajamento é muito maior.

Como afirma Paulo Freire: “Se a programação educativa é dialógica, isto significa o direito que também têm os educadores-educandos de participar dela, incluindo temas não sugeridos” (Freire, 1987, p.66). O que nos ensina a teoria freiriana é que devemos considerar os educandos como atores da própria educação, eles devem ter posições ativas na construção do saber. A biblioteca poderá, por exemplo, mapear os empréstimos dos livros e, em diálogo

com os professores, atuar para uma diversificação das leituras ou, conhecendo os livros mais procurados, propor intervenções educativas a partir daí.

Vamos agora dizer algumas palavras sobre o conceito de catarse na perspectiva da pedagogia histórico-crítica, que foi um dos pontos de reflexão do nosso trabalho. Essa perspectiva, baseada nas formulações de Marx, Engels e Gramsci, entende a educação como uma *práxis* humana numa sociedade de classes, cabendo a ela não reproduzir a sociedade capitalista, mas propor uma abordagem emancipatória e não alienante. Deste modo, a educação deve ajudar os indivíduos a se apropriar “da riqueza material e imaterial disponível numa determinada formação econômica e social”, como dizem Mariano Ruiz Cardoso e Marcos Francisco Martins, no texto “A Catarse na Pedagogia Histórico-Crítica”. Essa abordagem se preocupa em possibilitar que o aluno tome posse dos objetos culturais para que ele possa transformar sua realidade. Assim, podemos ler nos dois autores citados:

A partir da identificação dos problemas que os homens necessitam resolver, passa-se à tarefa de propiciar aos educandos, pela ação consciente, sistemática e intencional do educador, os instrumentos culturais disponíveis em um determinado contexto histórico e que são indispensáveis para resolução da problemática identificada (Cardoso; Martins, 2014, p. 150).

É o que se tenta no trabalho na biblioteca: fazer que os livros sejam esses instrumentos de transformação que devem ser incorporados pelos alunos, é fazer que os livros não sejam mais objetos exteriores, da elite burguesa, mas ferramentas de humanização.

Como sabemos, o conceito de catarse tem origem estética, em Aristóteles, era o processo pelo qual se purgava o terror e a piedade. Na Pedagogia Histórico-crítica, a estética também tem muita importância, mas o conceito de catarse não se limita a um efeito estético, ele tem a ver com uma tomada de consciência e uma atuação histórica. Demerval Saviani, na esteira de Gramsci, foi importante para a formulação da catarse nessa perspectiva. Sobre a catarse, esclarecem-nos Martins: [a catarse] “... deve ser resultado da *práxis* educativa que assevera o interesse e o compromisso com a transformação das estruturas e superestruturas capitalistas” (apud Martins, 2011, p. 546).

Lendo um livro como *As Cores da Escravidão*, de Ieda de Oliveira, o aluno pode sentir, talvez, mais intensamente, porque numa obra elaborada esteticamente, o drama da exploração do trabalho escravo, ainda hoje existente no Brasil, embora o mesmo aluno tenha estudado algo sobre essa mazela numa aula de Geografia ou História. Sensibilizado pela obra artística, ele pode atingir uma síntese e de fato incorporar um saber, tendo uma experiência invulgar e assim assimilar um conhecimento e ganhar um posicionamento crítico. Como podemos ler nos autores que estamos seguindo:

A catarse produzida em cada ação educativa se caracteriza como um momento de síntese, tanto do educando como do educador, que ao longo de outras atividades educativas se converte em novas sínteses e vai consolidando a formação do concreto pensado (cf. Martins, 2008) na consciência dos sujeitos (Cardoso; Martins, 2014, p. 153).

Dessa forma, os alunos podem tomar posse de um patrimônio cultural a eles negado, porque são quase sempre desfavorecidos socialmente e podem mudar qualitativamente sua visão de mundo. Além disso, uma vez que a apropriação dos bens culturais é parte importante da perspectiva histórico-crítica, a biblioteca tem um papel fundamental a desempenhar, oferecendo livros, que são bens culturais aos alunos, democratizando o saber e se tornando parte da vida deles. E sendo parte da vida deles é justamente esse incorporar de que estamos falando. A ideia é fazer com que o “educando possa de fato utilizar os instrumentos da leitura e da escrita com liberdade, e com a “naturalidade” que o impede até de se lembrar de quando não sabia ler e nem escrever” (Cardoso; Martins, 2014, p.156). Esse foi o propósito da nossa intervenção: naturalizar a biblioteca e a leitura na vida dos alunos.

Para encerrar vamos voltar a um autor muito importante para nós, Antonio Candido que em seu texto *Perversão da Aufklärung*, inicialmente um discurso pronunciado em Havana, em 1985, discutiu como os países da América Latina fizeram suas independências sob o influxo da Ilustração. No caso do Brasil, já havia um atraso da educação antes da independência, mesmo em relação a outros países latinos, que continuou depois dela. Diz Candido (2002, p. 323): “Pensando no caso do Brasil é curiosa [...] depois da Independência, a relativa indiferença pela fundação de escolas superiores, além do mínimo necessário para formar quadros dirigente restritos”.

O que Antonio Candido argumenta é que as elites brasileiras cooptaram a Ilustração para seus fins de mando, os cursos universitários eram ocupados só pelos filhos da elite e formavam as castas dirigentes, não se levou o ideal da Iluminismo até as consequências mais liberais que pressupunham ações para uma educação verdadeiramente mais democrática. E isso continuou na modernidade, como demonstra Candido (2002, p. 326):

Ao modo dos *ilustrados* do passado, o brasileiro continua orientando-se pela ideia da importância privilegiada dos níveis superiores, segundo os quais se define o homem que sabe e por isso manda sem se preocupar, no fundo, com a difusão do conhecimento para todos. Isto é: sem querer retirar da esfera da utopia a ideologia redentora da Ilustração.

Isso se liga com a dificuldade que ainda se vê na nossa sociedade de democratizar o saber e os bens culturais de que estamos falando na esteira da abordagem histórico-crítica. As elites reacionárias resistem a fazer reformas que democratizem o acesso à educação como cotas

raciais, sociais, bibliotecas, por exemplo. As elites querem manter os privilégios, e a educação é um capital importante na manutenção do poder. Diferentemente dessa perversão de termos uma educação de elite só para poucos, é necessária uma educação pública fundamental de qualidade como diz Candido:

As revoluções da Independência foram canalizadas para as classes dominantes, que interpretaram a seu favor o que havia de elitismo supostamente redentor na Ilustração. As do nosso tempo deverão mostrar que as possibilidades de saber têm de ser finalmente abertas para todos, por meio das lutas sociais e políticas adequadas. As reformas de estrutura é que permitem as verdadeiras reformas de ensino (CANDIDO, 2002, p. 327).

Esperamos que nosso trabalho na biblioteca tenha sido uma pequena contribuição na possibilidade de democratização do saber e temos esperança de que a sociedade faça as reformas estruturais para que a educação seja melhor daqui para frente.

4 PLANEJAMENTO DO PLANO DE AÇÃO

O trabalho que desenvolvi consiste na minha atuação na biblioteca da escola Centro Educacional Municipal de Itabirito-CEMI. A intervenção que realizei teve como objetivo aumentar o número de usuários da biblioteca e contribuir para a formação dos alunos enquanto leitores autônomos.

Assim, para ajudar nessa tarefa optei por introduzir no meu trabalho o apoio das abordagens educacionais sócio-histórica e histórico-crítica. Para isso, escolhi os textos: “Abordagem sócio-histórica”, de Mizukami, centrado na obra de Paulo Freire e o texto “A catarse na didática da pedagogia histórico-crítica”, de Newton Duarte, escrito que se apoia nos estudos de Saviani, Lukács e Gramsci sobre o conceito de catarse e sua aplicação na educação e emancipação humanas.

O texto sobre a perspectiva sócio-histórica, como disse, foca predominantemente nas concepções de Paulo Freire. Claro que grande parte do trabalho de Paulo Freire se ocupou da alfabetização de adultos e da educação popular, mas suas contribuições são ricas o suficiente para iluminar meu trabalho. As formulações de Freire, mas não só as dele, sobre a educação, dizem respeito à democratização da cultura, do direito à leitura, à alfabetização com vistas a uma educação emancipadora que promova a libertação dos educandos e conseqüentemente os fortifique para a transformação do mundo, da sociedade ao seu redor.

Deste modo, entendemos o papel da biblioteca como espaço para o aluno aprimorar sua alfabetização, visto que grande número dos brasileiros são analfabetos funcionais. Além disso, a biblioteca e a escolha livre de livros incentivam a autonomia do aluno e a busca por aquilo que mais o interessa, sem que se fique preso nas formas de ensino tradicionais, muito baseadas em notas e avaliações mecânicas. Como argumenta Paulo Freire, acredito que, na biblioteca, meu trabalho podia ser feito em parceria não só com os professores de português, mas também com os alunos que exercitarão suas subjetividades, lendo e discutindo livros, numa relação muito mais horizontal entre educadores e educandos. Deste modo, os alunos passariam a tomar posse dos produtos culturais. O uso constante da biblioteca iria dar aos alunos uma oportunidade de serem mais atores, produtores do conhecimento e não apenas consumidores, sujeitos passivos.

O que me chama atenção na abordagem histórico-crítica também é a capacidade de transformação que essa abordagem comporta. No texto de Newton Duarte, o pesquisador lança mão do conceito de catarse para elaborar um importante aspecto do ensino. A partir de Lukács e Gramsci, principalmente, Duarte defende que a catarse é um processo de transformação do

indivíduo, um processo de tomada de consciência que o torna mais livre e senhor de seu destino. A catarse assim entendida não se dá apenas no âmbito estético, mas também no político, social, humano, etc.

O que acho interessante é justamente essa possibilidade de transformação que se dá por meio de uma espécie de iluminação que nada tem de mística ou religiosa, pelo contrário, pois, recuperando Epicuro, há uma clara cisão entre o mundo terreal que nos cerca e o mundo dos mitos, e é no mundo terreno, concreto que a catarse deve se dar. Penso que a leitura de livros de poesia, romance, história, dentre outros, podia funcionar como essa catarse de que fala Newton Duarte.

A relação com os livros ampliaria o repertório de experiências dos alunos, sofisticaria sua sensibilidade e os deixaria mais capazes de mudar a si e seu mundo. Mais modestamente, a leitura, de fato, tornaria o aluno mais capaz nos estudos e contribuiria para sua formação e letramento, o que faria dele alguém mais eficiente e crítico na sua vida escolar.

Penso que a biblioteca devia fazer parte do cotidiano dos alunos e alunas. Sendo assim, a intervenção foi no sentido de divulgar o espaço e falar um pouco sobre seu acervo. Isso permitiria que o aluno possa escolhesse os livros que mais lhe interessasse e aprendesse que a leitura podia ser prazerosa e não algo apenas obrigatório e burocrático. As abordagens sócio-histórica e histórico-crítica dialogavam muito bem com minhas intenções de criar no aluno um senso maior de autonomia e faziam com que ele se tornasse um leitor independente, o que poderia conduzi-lo a uma vida mais consciente de seus problemas, mas também ofereceria alternativas para a busca de conhecimento e superação da condição de oprimido, subordinado à ideologia das classes dominantes, além, é claro, de ser uma possibilidade de incursão em outros mundos onde somos mais livres e estamos longe de nossas servidões⁷.

Minha pretensão era desmistificar a relação com os livros e com a leitura, fazer com que as alunas e alunos tomassem posse desses instrumentos que os ajudariam no caminho para uma vida onde atuem de maneira mais crítica, independente, interessante e feliz.

4.1 Identificação do Campo de Intervenção

Nosso trabalho se concentrou nos alunos dos sextos e sétimos anos do Ensino Fundamental, que estudam no turno da tarde. No total são 271 alunos.

⁷ “Como conjunto de obras de arte a literatura se caracteriza por essa liberdade extraordinária que transcende as nossas servidões”. Antonio Candido, *Literatura de Dois Gumes*. In: *A Educação pela Noite*. 6ª edição. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011. p.197.

Etapa 1: Fazer o diagnóstico para saber qual a frequências dos alunos na biblioteca.

Etapa 2: Elaborar o plano de ação.

Etapa 3: Aplicar o plano de ação nas salas de aula.

Nosso plano de ação consistiu em: divulgar a biblioteca entre os estudantes e apresentar um pouco do nosso acervo a fim de incentivá-los a ler mais.

4.2 Temática do Plano de Ação

A Biblioteca como espaço para criação de leitores.

4.3 Objetivos do Plano de Ação

Objetivo geral:

Proporcionar o espaço da biblioteca aos estudantes a fim de torná-los leitores.

Objetivos específicos:

Propor ações para fazer os alunos utilizarem mais a biblioteca e tentar formá-los como leitores. Induzir os alunos a incluírem a biblioteca no seu cotidiano e se tornarem leitores ativos e autônomos.

4.4 Diagnóstico do contexto de atuação

Partimos da hipótese de que os alunos leem pouco e apresentamos dados na Introdução da Temática que corroboram essa ideia. A partir disso, fizemos o diagnóstico para saber como atuar com o plano de ação. O diagnóstico consistiu em registrar, durante uma semana, a quantidade de alunos que frequentam a biblioteca. Esse registro foi feito no turno da tarde, no qual estudam os alunos dos sextos e sétimos anos, contabilizando 271 estudantes no total. Na semana de setembro de 16/09/2024 a 20/09/2024, anotamos (ver as tabelas nos Anexos): 51 alunos frequentaram a biblioteca. Desses, só 15 devolveram ou fizeram empréstimo de livros ou revistas. Os outros 36 apenas leram ou visitaram a biblioteca. Estes alunos apenas olharam e/ou manusearam os livros ou permaneceram no intervalo para ler. 15 alunos do montante de 271 representam somente 19% dos alunos da tarde, o que, para nós, é um número muito baixo, mas que, pelas alegações expostas na Introdução, tem potencial para crescer.

O registro dos alunos que frequentam a biblioteca apenas para ler ou visitar a biblioteca é importante. Ler na biblioteca deve ser uma possibilidade para o aluno e uma fonte de incremento do hábito da leitura. Alguns alunos também vão à biblioteca para percorrer as prateleiras e folhear os exemplares, outras vezes apenas acompanham outros alunos quando estes vão fazer empréstimos ou devolver algum livro. Isso é importante porque a proximidade com alunos que leem é um fator de peso para instigar a vontade de ler. O contato cotidiano com os livros também pode gerar a curiosidade por lê-los e desmistifica um pouco a posição do livro como objeto elitizado.

Para conhecer nosso contexto, vamos analisar como é o dia a dia da biblioteca da escola municipal CEMI (Figura 1). Essa descrição foi importante para termos em funcionamento o plano de ação. Este plano teve o intuito de promover o uso da biblioteca e consequentemente incentivar os alunos a ler mais, na tentativa de criar neles o hábito da leitura autônoma. Este trabalho se concentrou nos alunos dos sextos e dos sétimos anos, que estudam no período da tarde. Partindo de uma perspectiva das práticas culturais, observaremos o uso da biblioteca por parte dos alunos a fim de encontrar meios para potencializar a leitura, o que, por consequência, poderá melhorar o desempenho deles no processo geral de educação.

Figura 1: interior da biblioteca do CEMI



A escola CEMI (Centro Educacional Municipal de Itabirito) está funcionando de maneira adaptada em um ginásio do bairro Carioca. As antigas dependências se tornaram impraticáveis há mais ou menos seis anos, desde então é nesse espaço que a escola recebe seus alunos e desenvolve suas atividades. A biblioteca foi montada numa das dependências do ginásio que serviria para um ponto comercial ou algo assim. Como se pode ver na foto acima (Figura 1), a biblioteca tem três grandes estantes com vários livros. A maioria dos livros é de literatura. A maior parte dos livros de literatura foram enviados pelo programa do Ministério da Educação. Para citar alguns títulos: *Eu sou Malala*, *O anjo rebelde*, *O Minotauro*, *Os pescadores*, *O menino de Alepo*, *Marília de Dirceu*, *Contos de Machado de Assis*, *O rio Amazonas*, *Um cadáver ouve rádio*, *Veneno Digital*, *A cidade do sol*, *Moby Dick (HQ)*, *Cuidado: garoto apaixonado*, *Um amigo para sempre*, *O mundo de Anne Frank*, *Romeu e*

Julieta (HQ), *O fantasma do porão*, *Memórias de um fusca*, Anne Frank (HQ), entre outros. Os livros didáticos são os que foram adotados pela escola, na sua maioria. A biblioteca também tem quatro outras estantes menores, como se pode ver na foto (Figura 1), duas ficam na frente das estantes grandes e as outras duas ficam no final dos dois corredores formados pelas grandes estantes. A biblioteca conta com dois armários para guardar pertences da biblioteca, um arquivo, três mesas redondas onde os alunos podem ler e três computadores que não aparecem na foto, pois estão atrás do ângulo do qual ela foi tirada. Os computadores ficam numa bancada que também não pode ser vista.

A escola tem 221 alunos estudando pela manhã, nos oitavos e nonos anos. À tarde, são 271, nos sextos e sétimos anos. A partir desses dados, para se ter ideia do uso da biblioteca, vejamos alguns números. Registramos, apenas no turno da tarde, o fluxo da biblioteca na semana do dia 16/09/2024 a 20/09/2024. Verificou-se que 51 alunos frequentaram a biblioteca. Desses, 15 pegaram ou devolveram livros ou revistas. 36 alunos leram ou apenas visitaram a biblioteca. Sendo assim, somente 19% dos alunos da tarde utilizaram a biblioteca em uma semana. Para nós, esse é um número baixo, mesmo porque apenas 15 alunos estão entre os que devolveram ou levaram algum livro. Deste modo, justifica-se nosso plano de ação que visa a aumentar a utilização da biblioteca e a leitura autônoma.

Três pessoas trabalham na biblioteca. À noite, trabalha a professora V., formada em Letras. Na parte da manhã, trabalha N., formada em Letras. À tarde, é meu turno, também sou formado em Letras, com mestrado em Estudos Literários. À noite, não tendo contato com o trabalho que é desenvolvido, não posso, por isso, descrevê-lo. Na manhã e tarde, os trabalhos são semelhantes. Os funcionários da biblioteca incentivam os alunos a ler e conversam com eles sobre os livros, o que os ajudam a escolher e conhecer os livros e também consolida neles o gosto pela leitura. A escolha do livro trabalhado na sala de aula também é feita com a ajuda dos funcionários da biblioteca. Os funcionários, que conhecem o acervo, sugerem os títulos que possam ser usados pelos alunos, levando em consideração o número de alunos e as características dos livros. No ano de 2024, escolhemos para manhã, cujos alunos são do oitavo e nono ano: *Lendas Negras* (8º Ano), *Mistério da casa verde*, *A cidade do sol*, *Coragem não tem cor*, *Veneno digital* (9º Ano). À tarde, os alunos do sexto ano estudaram *João e Maria e outros contos de Grimm*. Os alunos do sétimo ano estão trabalhando com contos de Edgar Allan Poe, em livros como: *A carta roubada e outras histórias de crime e mistério*.

A biblioteca é frequentada por alunos e professores. Os professores a utilizam menos. Estes, às vezes, pegam livros referentes a sua disciplina. As professoras de Português usam as Gramáticas e os livros de linguísticas do acervo. Algumas vezes os professores pedem que os

alunos façam pesquisas nos computadores ou levam os alunos para ler na biblioteca. A professora A. leva os alunos do ensino Integral para ler. Os alunos do curso integral estudam de manhã e à tarde. Esses alunos do sétimo ano têm as aulas normais pela manhã e à tarde vão para uma casa próxima da escola para desenvolverem trabalhos de reforço, agroecologia, educação musical, etc. Estes alunos são escolhidos para participar desse projeto como balão de ensaio para implementar o ensino integral em todas as séries. São ao todo 20 alunos que participam desse projeto. Nesse ano, a professora A. leu com os alunos *Malasartes: histórias de uma camarada chamado Pedro* e *Moby Dick* (HQ).

Os alunos podem pegar qualquer livro de literatura ou de outra natureza e ficar com ele por uma semana. Nem todos os alunos sabem dessa possibilidade, mas muitos conhecem a biblioteca e aproveitam os títulos que ela tem. Os alunos também têm que ler os livros escolhidos pelas professoras de português que a biblioteca fornece como já mencionamos acima. Os alunos vão à biblioteca não só para pegar os livros de que gostam, mas também para ler durante os intervalos. Em geral, eles se mostram muito empolgados, sobretudo por poderem escolher os livros que lerão. Eles também gostam de passar o tempo na biblioteca lendo e trocando ideias.

Consideramos esse momento na biblioteca muito importante, mesmo que o aluno ou aluna não levem nenhum livro; ir até lá, percorrer as prateleiras para conhecer os títulos, acompanhar um amigo ou amiga que vai pegar um livro, tudo isso já pode funcionar como estímulo para uma possível leitura. Geralmente, os alunos leem os livros que têm algum apelo comercial, livros que viraram moda, que são muito vendidos. Para dar alguns exemplos: *Percy Jackson*, *A culpa é das estrelas*, *Cidade de papel*, *Diário de um banana*, *O código Da Vinci*, os livros de J. K. Rowling como *A saga crepúsculo*, *Crianças peculiares*, etc. O fato de os alunos escolherem mais esses livros mostra a força da indústria cultural. Mesmo os alunos sendo de baixa renda, na sua maioria, eles querem o que é oferecido pela cultura dominante, que é quase toda marcadamente pop e de entretenimento.

O que se quer dizer aqui é que a indústria cultural também forma as suas primeiras opções e aquilo que poderíamos chamar de gosto, ainda que eles possam estar em atraso com as novas modas do mercado e a biblioteca também não tenha os títulos. Os chamados livros clássicos, de autores brasileiros, os que não aparecem na mídia ou os que não são adaptados para séries, por exemplo, são menos lidos ou só são lidos pelos alunos com as professoras. Porém, os alunos que mais frequentam a biblioteca acabam por descobrir esses livros e, se encantando, leem e também gostam. Destacamos que esses livros mais enriquecedores não são conhecidos porque não são divulgados; por isso, os alunos não conhecem e não procuram, nada

tem que a ver com suas capacidades intelectuais ou com fator econômico. Alguns alunos, por si mesmos ou seguindo nossas indicações, também levaram para casa os livros: *Açúcar amargo*, *Amor de perdição*, *Contos de Machado de Assis*, *A Odisseia* (HQ), *O retrato de Dorian Gray* (HQ), *O escaravelho do diabo*, *O anjo rebelde*, *O Minotauro*, *Obras completas de João Cabral de Melo Neto*, *Contos de Machado de Assis*, *A metamorfose*, *Carta ao pai*, entre outros.

Uma coisa interessante de se observar é que os livros de prosa são mais procurados que os de poesia, mesmo quando são os professores que escolhem os livros. As obras de poesia, talvez por serem de difícil adaptação por parte da indústria cultural, ficam relegadas a segundo plano. Como a poesia não é facilmente cooptada pelas mídias que moldam o gosto comum, os livros desse gênero são raramente procurados pelos alunos de maneira espontânea.

Como funcionário da biblioteca, fico muito feliz de ajudar os alunos a se formarem como leitores e ver que é possível, apesar de todas nossas limitações materiais, contribuir na tentativa de criar leitores autônomos.

4.5 Etapas do Plano de Ação que será desenvolvido

A partir do nosso diagnóstico, que demonstrou a pouca utilização da biblioteca por parte dos alunos, pretendemos aplicar um Plano de Ação que buscou melhorar esse relacionamento com a biblioteca e incentivar, conseqüentemente, o hábito da leitura.

A ideia do Plano de Ação foi divulgar a biblioteca e seu acervo. O Plano se concentrou no turno da tarde, no qual estudam os alunos dos sextos e sétimos anos do Ensino Fundamental.

Primeira ação: fomos às salas nos apresentar e apresentar a biblioteca, destacando as possibilidades de fazer empréstimos e passar um tempo lendo nas suas dependências. **Segunda ação:** exibimos alguns livros para os alunos, falando um pouco sobre eles. **Terceira ação:** junto com essa exibição de parte do acervo, conversamos um pouco com os alunos e os ouvimos sobre seus hábitos de leitura.

Os livros foram escolhidos, levando em consideração a faixa etária dos alunos e considerando os títulos que já têm ou podem ter maior acolhida no gosto dos estudantes. Como atuo na biblioteca há três anos, conheço os gêneros e os tipos de livros que mais são procurados pelos alunos. Além disso, estou sempre em contato com os professores e com os outros funcionários da biblioteca e trocamos ideias sobre os empréstimos feitos e sobre os trabalhos desenvolvidos na sala de aula.

5 REFLEXÕES SOBRE O PLANO DE AÇÃO

Dia 20/02/2025 foi o dia escolhido para realizar nossa proposição pedagógica. Fomos às salas dos sétimos e sextos anos e apresentamos a biblioteca. Falamos sobre a possibilidade de se fazer a carteirinha e com ela se poder fazer empréstimos de livros. Além disso, destacamos alguns títulos que constam na biblioteca. Escolhemos esses livros pela frequência com que são requisitados pelos alunos. A conversa foi rápida porque só tínhamos esse dia para aplicarmos a atividade e tínhamos que percorrer todas as salas no mesmo dia, mas os alunos se mostraram interessados. Uma coisa que devemos observar é que essa iniciativa, embora muito simples, nunca tinha sido feita, e muitos alunos passavam meses sem saber que podiam fazer empréstimos de livros ou mesmo sequer sabiam onde ficava a biblioteca, principalmente os alunos dos sextos anos, pois são egressos de outras escolas e ainda não estão familiarizados com a dependências da nova escola.

Antes da nossa intervenção pedagógica, registramos a frequência dos alunos na biblioteca e quais livros eles costumavam solicitar (todas essas informações estão discriminadas nos Apêndices). Como já tínhamos dito, no **Diagnóstico do contexto de atuação**, verificou-se que, em cinco dias, 51 alunos frequentaram a biblioteca. Desses, 15 pegaram ou devolveram livros ou revistas. 36 alunos leram ou apenas visitaram a biblioteca. Sendo assim, somente 19% dos alunos da tarde utilizaram a biblioteca em uma semana, uma vez que somados os alunos dos sextos e dos sétimos anos contam 271. Para nós, esse é um número baixo, mesmo porque apenas 15 alunos estão entre os que devolveram ou levaram algum livro.

Após a proposição pedagógica, registramos o dia a dia da biblioteca por dez dias. De início, para efeitos comparativos, levando em consideração apenas os primeiros cinco dias, podemos dizer que: 69 alunos frequentaram a biblioteca. Destes, 50 solicitaram ou devolveram livros, o que já representa um aumento em relação ao número de alunos leitores antes da intervenção pedagógica, que foram apenas 36. Desses 50 alunos, 31, ao serem perguntados, disseram que foram à biblioteca depois que fizemos a intervenção. Esse número de 31 é significativo pois já é quase a quantidade dos alunos que solicitaram livros espontaneamente.

O que observamos aí é que nossa intervenção rendeu boa acolhida e, embora simples e sendo de pouco contato com os alunos, atingiu seu objetivo, isto é, o de fazer com que os alunos frequentassem a biblioteca e se sentissem estimulados a quererem os livros do acervo. Nesses cinco dias também, menos alunos, apenas 19, visitaram ou leram na biblioteca sem fazer empréstimos, o que significa que mais alunos se sentiram confiantes para levar os livros para casa ao serem informados dessa possibilidade.

Devemos dizer que consideramos parte importante do letramento qualquer contato com o mundo dos livros, não necessariamente a leitura direta. Portanto, entendemos como positivo o aluno que frequenta a biblioteca ainda que seja por mera curiosidade ou apenas para folhear o acervo. Esse contato é fecundo porque os alunos têm que se apropriar dos bens culturais, eles precisam ver nos livros uma riqueza que lhes pertence por direito.

Vamos aos números dos outros cinco dias. 44 alunos frequentaram a biblioteca, sendo que destes, 41 solicitaram livros, número acima dos 36 solicitantes de antes da nossa intervenção. Ao serem perguntados, 14 informaram que foram por nossa intervenção. Desse modo, o que podemos concluir é que houve uma fixação, ainda que discreta, de nosso intuito, que é tornar a leitura e a biblioteca hábitos, presenças no cotidiano dos alunos. Devemos dizer que nem sempre foi certo saber se os alunos estavam indo à biblioteca por nossa intervenção ou não. Além disso, não foi possível conseguir averiguar em conversa os motivos da ida do aluno à biblioteca, seja por falta de tempo ou por algum outro motivo prático.

Observamos que, tanto na decisão de ir à biblioteca quanto na escolha do livro que leem, os alunos se influenciam bastante, indo à biblioteca em conjunto ou solicitando os mesmos livros dos seus colegas. Isso é uma coisa que devemos levar em consideração na hora de propor, por exemplo, intervenções como grupos de estudos, agremiações literárias, clubes de leitura, edições de jornais escolares ou outras iniciativas educacionais.

Tivemos uma limitação muito grande quanto aos títulos que os alunos escolheram para ler. Parte da nossa proposta consiste nisso, isto é, apostar na livre escolha do educando, na sua autonomia, entendendo que assim ele se engaja mais na leitura. Dos livros que os alunos pegaram depois de nosso trabalho, 13 foram da coleção Harry Potter, de J. K. Rowling, e sete foram da série Diário de um Banana, de Jeff Kinney. Notamos com isso uma preferência acentuada por livros que são produtos da indústria cultural. Esses livros têm versões em filmes que podem ser acessadas pela televisão, streamings ou internet, o que facilita a divulgação desses produtos, além do sucesso dos livros físicos propriamente.

Nossa postura é de não desprezar essa bagagem dos estudantes, é essa informação que chega até eles através das mídias. A ideia freiriana, que norteia nosso trabalho, é propor alguma atividade a partir daí, e não agir de forma arrogante, desprezando o saber que o educando já tem. Ensina-nos Paulo Freire: “Como, na verdade, posso eu continuar falando no respeito à dignidade do educando se o ironizo, se o discrimino, se o inibo com minha arrogância” (Freire, 1996, p. 65). De toda forma, embora esses livros sejam traduzidos, escritos em e para outras realidades, eles fazem os alunos lerem, eles representam talvez os primeiros contatos com o mundo da leitura e dos livros, o que poderá provocar a curiosidade para voos mais altos. Por

outro lado, os alunos também leram, neste período que analisamos, livros como: *O Minotauro*, de Monteiro Lobato; *Meu Pé de Laranja Lima*, de José Mauro de Vasconcelos; *Um Cadáver Ouve Rádio*, de Marcos Rey; *Alice no País da Mentira*, de Pedro Bandeira, títulos e autores reputados no mundo da literatura infanto-juvenil. Os alunos também leram, como mostram nossas anotações (ver anexos), obras como *Odisseia*, *Hamlet*, *Romeu e Julieta*, *Triste Fim de Policarpo Quaresma* em versões adaptadas ou em quadrinhos.

Entendemos que essas leituras é uma forma de entrar em contato com a cultura universal, ainda que de maneira introdutória, e é uma maneira de instigá-los a buscar um aprofundamento nessas leituras. Nesse sentido, a biblioteca cumpre os objetivos da educação, oferecendo os objetos culturais a serem assimilados pelos estudantes. Como argumenta Saviani (1994, p.17):

[...] o trabalho educativo [como] o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens. Assim, o objeto da educação diz respeito, de um lado, à identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos da espécie humana para que eles se tornem humanos e, de outro lado e concomitantemente, à descoberta das formas mais adequadas para atingir esse objetivo.

Pensamos que nosso trabalho na biblioteca realiza um pouco essa função de criar a oportunidade para os alunos se cultivarem e educarem suas sensibilidades. Esse acesso aos bens culturais é direito dos nossos alunos, quase sempre muito carentes, visto a grande desigualdade social que assola o país e que contribui para o baixo desempenho educacional. Já dizia Antonio Candido, em seu texto “Perversão da *Aufklärung*”: “o máximo de concentração dos bens ou do saber convive funcionalmente com o máximo de miséria e ignorância, como se esta proporção fosse a própria razão de ser da nação brasileira” (Cândido, 2002, p. 326).

É trabalho da escola e da biblioteca oferecer a educação e os bens culturais na tentativa de romper com a relação que ainda existe e que consiste em poucos bens materiais igual a poucos bens do saber. Nossa esperança é que as novas gerações mais bem educadas tenham melhores desempenhos educacionais, alcancem melhores posições sociais e possam conseqüentemente legar a seus filhos uma educação ainda melhor do que a que tiveram.

Julgamos que o resultado de nossa proposta pedagógica foi positivo, dentro dos limites modestos e dentro do que foi programado. A escola está improvisada num ginásio até que o novo prédio que está sendo construído fique pronto em 2027. Sendo assim, a biblioteca fica num espaço nada adequado para acomodar livros e salas de leitura. Contamos com apenas três estantes grandes de livros, duas mesas de leitura e um “cantinho de leitura” feito pelos próprios

funcionários da biblioteca, sem falar que dividimos o espaço com o vestiário das funcionárias da limpeza e cozinha, como se vê, estamos acomodados num espaço precário.

Mesmo assim, penso que o resultado do nosso trabalho foi bom e pode nos fazer refletir sobre nossa atuação e sobre o papel da biblioteca na vida da escola. Esperamos que com o novo prédio o espaço da biblioteca tenha instalações mais adequadas para que possamos desenvolver nossos trabalhos com mais conforto e eficiência.

O que mais ressaltou de nossa intervenção é que dá para fazer mais, porque encontramos grande receptividade entre os alunos. Eles se interessam, sim, por livros e têm uma curiosidade enorme. O que se espera da biblioteca não é só empréstimo de livros. Como podemos ler num texto já citado neste trabalho:

A função da biblioteca escolar não se resume ao empréstimo de livros, sua função deve ser educativa, possibilitando aos seus usuários o acesso ao acervo com obras literárias e recursos que atendam suas necessidades informacionais, formando parceria com os membros da escola para a formação de leitores (Nunes; Santos, 2020, p. 8).

Como vimos, acompanhamos um aumento das visitas dos alunos à biblioteca após o trabalho que propomos. Temos consciência tanto do pequeno alcance de nossos esforços quanto da precariedade material em que nos encontramos, mas entendemos o realizado como um passo seminal. Também temos consciência de que nos limitamos, no nosso objetivo, a aumentar os empréstimos, sem termos feito uma atividade de discussão das leituras que os alunos fizeram, não avaliamos as leituras nem buscamos direcioná-las.

Além disso, a biblioteca conta com poucos recursos além dos livros, o que restringe nossas ações. Não temos salas de leitura apropriadas, computadores ou grandes espaços de leitura, pois estamos num lugar improvisado, como já dissemos. Entendemos que nosso trabalho obteve um saldo modesto, mas positivo e que, devido à receptividade que encontramos nos alunos, isso nos anima para trabalhos futuros mais elaborados.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A temática desenvolvida no meu plano de ação acerca do desenvolvimento da leitura e da garantia do acesso aos bens culturais, como os livros, parte da constatação de que esses bens ainda hoje são negados pela nossa sociedade principalmente para as populações mais vulneráveis. Visto o baixo desempenho de nossos estudantes no que se refere à leitura e à interpretação de textos, é necessário um trabalho de incentivo a formação de leitores e a ocupação da biblioteca deve ser um instrumento ativo nessa construção.

Utilizei, no meu trabalho, os dados do Instituto Akatu, porque já me eram familiares por conta do livro *Preconceito Linguístico*, de Marcos Bagno, e isso se encaixava com os meus argumentos, cabendo apenas um complemento com outros dados do IBGE. Usei também dados do PISA, feito pela OCDE. Sabemos que o PISA é um teste que sofre muitas críticas como, por exemplo, de ser padronizado e não levar em consideração as particularidades dos países. Leci mão dessas duas fontes de dados para embasar meus argumentos e justificar a proposta pedagógica que implementei. Não era objetivo do trabalho uma análise estrita e detalhada de todos os aspectos da leitura no país, bastando apenas confirmar, aquilo que sabemos empiricamente, o baixo desempenho dos nossos alunos nessa área.

Toda a formação no Laseb, todo o percurso até aqui e todas as disciplinas foram importantes para meu aprimoramento e para que eu repensasse minha carreira como professor. Todas as disciplinas me fizeram refletir sobre minha prática na sala de aula, sobre a educação de forma geral e sobre meu trabalho na biblioteca mais especificamente, onde hoje estou trabalhando. Pude aproveitar os conteúdos de cada disciplina, de umas mais de outras menos, mas todas me enriqueceram de alguma forma e considero que hoje me sinto mais preparado para pelo ao menos me colocar questões de maneiras mais sofisticadas que me permitiram entender as situações e problemas que encontramos no dia a dia do trabalho na educação.

Entretanto, fazer um curso de pós-graduação, neste momento, não foi tão fácil, pois é um período conturbado para mim, que estou tratando da minha saúde mental. Esse, aliás, é o motivo de eu estar trabalhando na biblioteca, em reabilitação. Fazer o curso foi, às vezes, um fator de agravo da minha ansiedade, mas também de prazer, enriquecimento e estímulo. Tive medo de não corresponder satisfatoriamente ao curso e não o aproveitar, mas penso que tudo correu bem, embora eu tenha tido muitos altos e baixos na minha recuperação.

Ao escrever o meu Memorial, tive a oportunidade de refletir que nossa história cumpre um papel muito importante na nossa carreira como professores, porque a levamos para nossa prática profissional. Aprendi com isso a valorizar a base e formação como leitor que tive e aqueles que me incentivaram nesse caminho.

O curso no Laseb me possibilitou fazer um trabalho com a biblioteca, o que me despertou para um mundo de oportunidades e interesses novos. Consigo ver hoje o espaço da biblioteca como um lugar muito mais rico, ativo e potente do que poderia ser. Os textos que a professora Joana D’Arc, minha orientadora, me apresentou sobre as bibliotecas e sobre o trabalho que elas podem desempenhar nas escolas me ajudaram muito a desenvolver meu trabalho da ACPP e reforçaram a ideia que já defendia sobre a biblioteca – espaço este que deve ser algo vivo e participativo na vida dos estudantes.

Apliquei minha proposta pedagógica que consistiu em incentivar os alunos a ocuparem a biblioteca, fazerem as carteirinhas para empréstimos, conhecerem as dependências da biblioteca e seu acervo e se maravilharem com o mundo dos livros.

Como ficou demonstrado (ver Apêndice), observei um aumento no fluxo de alunos na biblioteca e um crescente interesse pelos livros. Com isso, vi que o objetivo da proposta foi alcançado dentro dos limites que ela comportava. Apesar de todas as dificuldades e limitações de ordem prática e material que temos, como já aponte e mais uma vez friso, pois estamos num local improvisado, fazemos, eu e os outros funcionários da biblioteca, o possível para atender nossos alunos da melhor maneira possível. Esperamos que, na nova escola que ficará pronta em breve, as acomodações sejam melhores e possamos fazer trabalhos de maior vulto.

Foram muito ricas as reflexões feitas a partir do aporte teórico. Aprendi muito lendo os textos das correntes histórico-críticas e sócio-históricas. O estudo de pesquisadores como Newton Duarte; de Mario Cardoso e Marcos Martins foram importantes porque defendem que as pessoas devem se apropriar dos bens culturais porque são legados da humanidade e que isso é um fator de humanização e um caminho para a emancipação.

As leituras dos belos textos de Paulo Freire também foram enriquecedoras no meu trabalho, apontando a importância da autonomia do leitor, sua construção livre do saber, o exercício da curiosidade que procuramos desenvolver no nosso trabalho. Outra leitura importante foi Antonio Candido, por exemplo, no seu clássico *Direito à Literatura*, que é o que a monografia defende, principalmente para as classes mais vulneráveis do nosso país que vivem alijadas dos bens culturais assim como da educação pública de qualidade.

Gostei de ter feito o trabalho, foi com certeza relevante para mim e não seria pretensão dizer que também um pouco para a escola. Como eu disse, foi modesto, mas ele alcançou seus propósitos e, devido à boa acolhida entre os alunos, me anima a fazer outros que sejam mais arrojados. Concluo esta etapa com mudanças em mim e hoje minha concepção sobre a biblioteca ganhou uma nova importância, minhas opiniões sobre ela são muito mais positivas do que antes.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**. 56 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- CANDIDO, Antonio. Direito à literatura. In: **Vários escritos**. 1 ed. São Paulo: Todavia, 2023.
- CANDIDO, Antonio. Literatura de Dois Gumes. In: **A Educação pela Noite**. 6 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.
- CANDIDO, Antonio. Perversão da *Aufklärung*. In: **Textos de intervenção**. 1 ed. Seleção, apresentação e notas Vinicius Dantas. São Paulo: Duas Cidades, Editora 34. 2002.
- CARDOSO, Mario Mariano Ruiz; MARTINS, Marcos Francisco. A catarse na pedagogia histórico-crítica. In: **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, nº 57, pp. 146-164, jun2014 – ISSN: 1676-2584
- DUARTE, Newton. A catarse na didática da pedagogia histórico-crítica. In: **Pro-Posições**. São Paulo: Campinas, V. 30. 2019, pp 1-23.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 11 ed. Rio de Janeiro: paz e Terra: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 31 ed. São Paulo: Paz e Terra. 1996 (Coleção Leitura)
- GONÇALVES, Bruna de Mattei; TASSONI, Elvira Cristina Martins. O papel da biblioteca na mediação da educação literária e formação do leitor. In: **Teoria e Prática da Educação**, v. 24, n.2, p. 44-67, Maio/Agosto 2021.
- MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. Capítulo 5: Abordagem Sócio-cultural. In: **Ensino**: as abordagens do processo. São Paulo: EPU, 1986. 13ª reimpressão, 2003.
- NUNES, Marta Suzana Cabral; SANTOS; Flaviana de Oliveira. Mediação da leitura na biblioteca escolar: práticas e fazeres na formação de leitores. In: **Perspectiva em Ciência da Informação**, v. 25, número 2, pp. 2-28, jun/2020.
- SAVINI, Demerval. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. 4 ed. Campinas: Autores Associados, 1994.

APÊNDICES

Tabelas referentes a cinco dias antes da intervenção pedagógica:

Tabela de frequência e Utilização da Biblioteca do CEMI - 1					
Data: 16/09/2024					
Aluno(A)	Série/turma	Empréstimo (E)	Devolução(D)	Leitor ou visitante	Livro
Aluno	7° A	X	X		Vinte Mil Léguas Submarinas (D). Tintin(E)
Aluna	6°C	X	X		Eu Sou Malala(D). O Poeta do Exílio (E)
Aluna	6° C		x		O Escaravelho do Diabo
Aluna	6° C			x	
Aluna	6° C	x	x		Cidades de Papel(D). Drácula, de Bram Stocker(E)
Aluna	6° B			X	
Aluna	6° E			X	
Aluna	6° F			X	
Aluna	6° B			X	
Aluna	6° B			X	
Aluna	6° B			X	

Tabela de frequência e Utilização da Biblioteca do CEMI - 2					
Data: 17/09/2024					
Aluno(A)	Série/turma	Empréstimo (E)	Devolução(D)	Leitor ou visitante	Livro
Aluna	6°C	X	X		O Poeta do Exílio (D). O Escaravelho do Diabo (E)
Aluna	6° B	x	x		Eu Sou Malala (D). O Poeta do Exílio (E)
Aluna	6° B			x	
Aluna	7° D	x			O Anjo Rebelde

Tabela de frequência e Utilização da Biblioteca do CEMI - 3

Data:18/09/2024

Aluno(A)	Série/turma	Empréstimo (E)	Devolução(D)	Leitor ou visitante	Livro
Aluna	6°D			X	
Aluna	6°D			X	
Aluna	6° A			x	
Aluna	6°B		X		Diário de Um Banana
Aluna	6° A			X'	
Aluna	6° D			X	
Aluna	6° A			X	

Tabela de frequência e Utilização da Biblioteca do CEMI - 4

Data:19/09/2024

Aluno(A)	Série/turma	Empréstimo (E)	Devolução(D)	Leitor ou visitante	Livro
Aluno	6°B			X	
Aluno	6°B				
Aluno	6°B			X	
Aluna	6°B			X	
Aluna	6° B			X'	
Aluna	6° B			X	
Aluna	6° B			X	
Aluno	6°C			X	
Aluno	6°C				
Aluna	6°C	X	X		O Escaravelho do Diabo(D). Açúcar Amargo(E)
Aluna	6°C				
Aluna				X	
Aluna	7° C			X	
Aluno	7° C			X	
Aluno	7° C			X'	
Aluna	7° C			X	
Aluna	7° C			X	
Aluna	7° C			X	
Aluna	7° C	X			Percy Jackson

Tabela de frequência e Utilização da Biblioteca do CEMI - 5

Data:20/09/2024

Aluno(A)	Série/turma	Empréstimo (E)	Devolução(D)	Leitor ou visitante	Livro
Aluna	6° C		X		Diário de um Banana- Casa dos Horrores
Aluna	6° C		X		Açúcar Amargo
Aluna	6° C		x		O Escaravelho do Diabo
Aluna	6° B	x			Meu Querido Robô
Aluna	6° B	x			HQ- Turma da Mônica
Aluna	6° B			x	
Aluna	6° D			x	
Aluna	6° D			x	
Aluna	6° B			x	
Aluna	6° B	x			HQ- Turma da Mônica

Tabelas referentes a dez dias depois da intervenção pedagógica:

Tabela de frequência e Utilização da Biblioteca do CEMI - 1						
Data:20/02/2025						
Aluno(A)	Série/turma	Empréstimo (E)	Devolução(D)	Leitor ou visitante	Livro	Aluno(a) que visitou a Biblioteca, após intervenção
Aluna	6° C	x			Viagem ao mundo da Poesia.	x
Aluno	6° C	x			O Fantasma do Porão.	x
Aluna	6° C	x			O Minotauro.	
Aluno	6° C	x			Nove Cavaleiros.	x
Aluna	6° C	x			Barbie -Festa dos Filhotes.	x
Aluno	6° C	x			Eu, minha Mãe e a Garota dos meus Sonhos.	x
Aluna	7° E			x	Almanaque do Cascão.	x
Aluna	6° D	x			Palavras ao Vento.	x
Aluna	7° E	x			Diário de um Banana- casa dos Horrores.	x
Aluna	7° C	x			Diário de um Banana- faça vocês mesmo.	x
Aluna	6° C	X			O fantasma do Porão.	x

Tabela de frequência e Utilização da Biblioteca do CEMI - 2

Data: 24/02/2025

Aluno(A)	Série/turma	Empréstimo (E)	Devolução(D)	Leitor ou visitante	Livro	Aluno (a) que visitou a Biblioteca, após intervenção
Aluna	7° F	X			Alice no País da Mentira	
Aluno	7° C	X			Diário de um Banana(D). Alice no País da Mentira(E)	
Aluna	6° C	X			Odisseia (HQ)	X
Aluna	6° A	X			Lua Nova	X
Aluna	6° B	X			Romeu e Julieta (HQ)	X
Aluna	6° C			X		X
Aluna	7° C		X		Diário de um Banana-Segurando Vela.	
Aluna	6° E		X		Um Cadáver ouve Rádio.	
Aluno	6° E		X		Almanaque da Mônica	
Aluna	6° E		X		O Retrato de Dorian Gray (HQ)	
Aluna	7° E		X		Diário de uma Banana -Casa dos Horrores	

Tabela de frequência e Utilização da Biblioteca do CEMI - 3						
Data:25/02/2025						
Aluno(A)	Série/turma	Empréstimo (E)	Devolução(D)	Leitor ou visitante	Livro	Aluno (a) que visitou a Biblioteca, pós intervenção
Aluna	6°E	X			o Pássaro noturno	X
Aluna	6°C	X			Minha Vida Fora de Série	
Aluna	6°C			X		
Aluna	7°B	X			Chá das Cinco	
Aluno	7°E	x			Diário de um Banana- a Casa dos Horrores	X
Aluno	6°E			x		
Aluna	7°F			X	Almanaque do Cascão	
Aluno	6°E	X			A Ilha do Tesouro (HQ)	X
Aluna	6°A	X			Os pescadores	X
Aluna	7°F	X			O Gênio das Rosas	
Aluno	6°E	X			O Triste fim de Policarpo Quaresma (HQ)	X
Aluno	6°B	X			Diário de um Banana- Faça você mesmo	X

Tabela de frequência e Utilização da Biblioteca do CEMI - 4						
Data:26/02/2025						
Aluno(A)	Série/turma	Empréstimo (E)	Devolução(D)	Leitor ou visitante	Livro	Aluno (a) que visitou a Biblioteca, pós intervenção
Aluna	6ºE	X	X		Nove Cavaleiros - o Início(D). Odisseia (HQ)	X
Aluna	6ºC		X		Fantasma no porão(D)	
Aluna	6ºC	X			Barbie- Festa dos Filhotes (D). Filhos de Rua(E)	
Aluna	6ºC	X			Assassinato em Pedra Escondida	
Aluno	6ºC	X			Odisseia (HQ)	X
Aluno	6ºF	X			Espumas Flutuantes	
Aluna	6ºC	X			Barbie-Festa dos filhotes	
Aluno	6ºC	X	X		Fantasmas	X
Aluna	6ºE			X		X
Aluna	7ºB			X		
Aluno	6ºB			X		X
Aluno	6ºC	X			Nove cavaleiros- O Início.	X

Tabela de frequência e Utilização da Biblioteca do CEMI - 5						
Data:6/3/2025						
Aluno(A)	Série/turma	Empréstimo (E)	Devolução(D)	Leitor ou visitante	Livro	Aluno (a) que visitou a Biblioteca, pós intervenção
Aluna	6ºE	X	X		Nove Cavaleiros... (D). Eu, minha Mãe...(E)	X
Aluno	6ºE	X	X		H.P. A Ordem da Fênix(D). As cores...(E)	
Aluno	6ºE	X	X		H P. Prisioneiro de Azkaban(D). O Menino e...(E)	
Aluno	6ºE	X	X		Harry Potter e A Câmara Secreta(D). A Casa a Beira do Abismo(E)	
Aluno	7ºF	X	X		Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban(E) Informe do Planeta Azul e Outras Histórias(E)	
Aluno	6ºE	X			Harry Potter e A Ordem da Fênix(E)	
Aluno	6ºE	X			Harry Potter e A Câmara Secreta(E)	
Aluna	6ºA	X			Anne Frank(HQ)	X
Aluna	6ºD	X			A Ilha do Tesouro-HQ(E)	X
Aluna	6ºC	X			Nove Cavaleiros- O Início (E)	
Aluna	6ºC	X		X	Romeu e Julieta -HQ	X
Aluna	6ºC	X				X

Tabela de frequência e Utilização da Biblioteca do CEMI - 6						
Data:10/03/2025						
Aluno(A)	Série/turma	Empréstimo (E)	Devolução(D)	Leitor ou visitante	Livro	Aluno (a) que visitou a Biblioteca, após intervenção
Aluna	7°F	x			Os três mosqueteiros	x
Aluno	6°E	x	x		Odisseia(D). A ilha do tesouro (E)	
Aluno	6°E	x			Minha querida assombração	
Aluno	7°E	x	x		Harry Potter e a Pedra Filosofal (D). Sherlock Holmes (E) x	
Aluno	7°F	x			A mulher do meu pai	x
Aluna	6°E	x	x		Barbie-festa dos filhotes (E). Fantasma do Porão(D) X	
Aluno	6°E	x			Harry Potter e a Câmara Secreta	
Aluna	6°D	x			A ilha do tesouro	x
Aluna	6°C	x			Nove cavaleiros - o início	

Tabela de frequência e Utilização da Biblioteca do CEMI - 7

data: 11/3/2025

Aluno(A)	Série/turma	Empréstimo (E)	Devolução(D)	Leitor ou visitante	Livro	Aluno (a) que visitou a Biblioteca, após intervenção
Aluno	6ºE	x	x		H. Potter e o Cáli de Fogo(D). O gênio e as rosas (E)	
Aluno	6ºE	x	x		H. Potter e o Cáli de Fogo (E). H. Potter e o Enigma do Príncipe (D)	
Aluno	6ºC	x	x		H. Potter e a ordem da fênix (D). Petrus Locus (E)	
Aluno	7ºD	x	x		Eu, minha mãe (D) Caçadores d códigos(E)	x
Aluna	7ºF	x			H. Potter e o enigma do príncipe	x
Aluna	6ºE	x			O que os olhos não veem	x

Tabela de frequência e Utilização da Biblioteca do CEMI - 8

Data:12/3/2025

Aluno(A)	Série/turma	Empréstimo (E)	Devolução(D)	Leitor ou visitante	Livro	Aluno (a) que visitou a Biblioteca, pós intervenção
Aluno	6°C	x			Filhos da rua	
Aluno	6°E		x		O que os olhos não veem	
Aluno	6°C	x			H. Potter e as relíquias da morte	x
Aluna	6°C			x		
Aluna	6°A			x		
Aluna	7°A			x		

Tabela de frequência e Utilização da Biblioteca do CEMI - 9

Data:13/3/2025

Aluno(A)	Série/turma	Empréstimo (E)	Devolução(D)	Leitor ou visitante	Livro	Aluno (a) que visitou a Biblioteca, pós intervenção
Aluna	7°D		x		Caçadores de códigos	
Aluno	7°E	x	x		Nove cavaleiros (E). Informes do planeta azul (D)	
Aluna	6°C	x			Minha vida fora de série	
Aluna	6°C	x			Minha vida fora de série	x
Aluno	7°F	x	x		H. Potter e câmara secreta (D). Odisseia (E)	
Aluna	6°E	x	x		Barbie-festa dos filhotes (E). Fantasma do porão (D)	x
Aluno	6°E	x			Hamlet - para jovens curiosos	
Aluna	6°A	x			Galante	
Aluna	6°D	x			Romeu e Julieta	x
Aluna	6°C	x			A maldição do tesouro do Faraó	

Tabela de frequência e Utilização da Biblioteca do CEMI - 10

Data:17/3/2025

Aluno(A)	Série/turma	Empréstimo (E)	Devolução(D)	Leitor ou visitante	Livro	Aluno(a) que visitou a Biblioteca, após intervenção
Aluna	6°C		x		Minha vida fora de série	
Aluna	7°C		x		Barbie-festa dos filhotes	
Aluno	6° B		x		O anjo rebelde	
Aluno	6°C		x		A ilha do tesouro	
Aluna	6°D	x			Anne Frank (HQ)	x
Aluno	6°E	x	x		1001 fantasmas (D). O saci (E)	x
Aluna	7°E	x			Amor amargo	
Aluna	6°A	x			A criação das criaturas	
Aluna	6°D	x			Palavras ao vento	x
Aluna	6°C	x			Eu sou mais eu!	
Aluna	6°D	x			A voz do silêncio	
Aluno	7°F	x			Fahrenheit 451	
Aluna	6°D	x			Meu pé de laranja lima	
Aluno	7°F	x			Odisseia (HQ)	
Aluno	7°F	x			Odisseia (HQ)	
Aluno	6°D	x			A criação das criaturas	x